

Vínculos entre família e escola: em busca de parcerias

Flávia da Silva Ferreira Asbahr

Docente departamento de Psicologia/FC/UNESP-Bauru

Março/2018

Há um consenso que boas relações entre famílias e escola são essenciais ao desenvolvimento pedagógico de nossas crianças. No entanto, nem sempre problematizamos de que maneira essa relação pode efetivamente contribuir para o sucesso do trabalho realizado pela escola. Ou, ainda, nem sempre temos clareza do que estamos entendendo como boa relação entre família e escola, ou neste caso em específico, entre família e CCI.

O que se entende por boa relação entre família e escola? O que a escola considera como uma boa relação com a família? Qual é a compreensão da família sobre uma boa relação com a escola? Em que esta relação deve basear-se concretamente? Como viabilizá-la?

Para um bom começo de conversa, é importante ter clareza que as duas instituições, família e escola, querem o melhor para o desenvolvimento de suas crianças, filho(a) ou aluno(a), e que estão preocupadas com sua educação. Resta saber de qual educação estamos nos referindo, já que as funções de uma e de outra instituição são diferentes.

A educação familiar caracteriza-se primordialmente pela dimensão afetiva, pela convivência cotidiana, pelas relações de cuidado com a criança, garantindo a ela as condições a seu desenvolvimento físico, moral, cognitivo. A família é a primeira instância de socialização da criança e espaço fundamental na aprendizagem sobre o que é certo ou errado de acordo com determinada perspectiva moral. E aqui reside uma questão fundamental: por mais preocupada e comprometida que uma família seja com a educação de seus filhos, é uma educação aleatória, espontânea, pois atua a partir do ponto de vista da vida privada, de valores, de hábitos e costumes específicos. Ou seja, a família atua de forma educativa a partir de uma visão delimitada. Repetindo, é uma educação no âmbito da vida privada.

Já a educação escolar funciona na perspectiva da vida social, da convivência com o outro, com o diferente de mim. Sua principal função é garantir que as crianças apropriem-se dos conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade, em seus

diferentes âmbitos, científico, filosófico, artístico, ético. A escola é um dos espaços privilegiados de constituição da relação com o outro, de compartilhar ideias a partir de pontos de vista diferentes.

Nesta diferença entre as funções educativas de cada instituição, família e escola, reside uma das principais causas de seus conflitos: por vezes a escola espera da família realizações que são do âmbito da educação escolar, ou seja, espera-se que a educação para o social ocorra na esfera privada. Por exemplo, espera-se que a criança tenha hábitos ou comportamentos que só podem ser aprendidos na convivência social e escolar, fora dos muros familiares. Ou, ao contrário, a família espera que a escola resolva conflitos ou problemáticas que seriam do âmbito privado, transferindo responsabilidades suas para a escola.

Trazendo para nosso cotidiano nos CCIs, quantas vezes nos deparamos com exigências das famílias pensando em uma demanda muito particular daquela criança, mas que não pode ser atendida coletivamente? Ou ainda, em quantos momentos temos expectativas em relação a uma família, mas que não correspondem a sua forma própria de funcionamento¹?

Estes conflitos podem ser minimizados se as funções de cada instituição educativa forem problematizadas e discutidas nos espaços coletivos da escola, nas reuniões de mães e pais, nas ações da associação de famílias e servidores, nas atividades de confraternização e comemoração, no sentido de aprofundar a relação entre essas esferas educativas, trazendo a família como parte fundamental da educação escolar. Discutiremos sobre estratégias para aproximar a família da escola mais adiante.

Para nós, professoras(es), há apenas uma certeza: a participação da família na escola é essencial ao desenvolvimento de um bom trabalho pedagógico.

A escola necessita aprofundar sua relação com pais e responsáveis porque aprender a conhecer suas necessidades, particularidades e interesses é o

¹ É importante lembrar que não é possível falar em família no singular. Existem inúmeras configurações familiares possíveis. Szymanski (2004) faz uma análise importante sobre a idealização que se faz da família, chamando de *família pensada* este modelo idealizado que corresponde ao padrão burguês de família. Por outro lado, chama a atenção para a *família vivida*. Para a autora, a família deve ser entendida como um grupo de pessoas que convivem entre si numa relação duradoura, ocupando o mesmo espaço físico e social, com um tipo especial de relações interpessoais, com indivíduos que se respeitam, mantêm vínculos afetivos, em que mães e pais educam seus filhos conjuntamente, ou com pessoas que mantêm um cuidado com os membros mais jovens ou mais idosos ou, ainda, cuidados mútuos entre si, independentemente de parentescos.

verdadeiro ponto de partida para a construção de projetos políticos pedagógicos capazes de sustentar processos educativos qualitativamente superiores que garantam o efetivo cumprimento de sua função social, qual seja, socializar os conhecimentos científicos para as novas gerações. (MEIRA, 2016, p. 693)

E se estamos falando de estabelecer relações que sejam humanizadoras precisamos ter clareza que estas não emergem de forma espontânea ou natural. Ao contrário, a relação da família com a escola precisa ser intencionalmente construída. A participação na vida escolar de um filho pode ser aprendida pela família e ensinada pela escola.

Antes de pensarmos um pouco sobre estratégias para fomentar e ensinar esta participação, gostaria de trazer alguns elementos para refletirmos sobre os conceitos de relação e vínculo com a escola.

Nossa experiência no âmbito da psicologia escolar tem demonstrado que normalmente as escolas não estão satisfeitas com suas relações com as famílias, embora argumentem que realizem inúmeras tentativas de aproximação: reuniões, bilhetes, informativos nas agendas, confraternizações etc. Segundo Martins (2009), as escolas tem feito esforços para construir uma relação com as famílias, mas o que desejam é o estabelecimento de vínculos.

Para Martins (2009), relação é um fenômeno que atende a ordem da natureza, podendo originar-se e dirigir-se espontaneamente, sem nenhum planejamento intencional, abarcando ação e reação calcada em dupla referência, isto é, basta que as pessoas se reconheçam uma em relação à outra numa dada situação e operem à luz desse reconhecimento, por exemplo, a relação entre loja-vendedor/cliente. A qualidade e a profundidade do conhecimento entre as partes não é requisito para que uma relação se estabeleça. Enfim, as relações podem ser superficiais, fortuitas e transitórias, organizando-se em torno de papéis ou funções sociais estereotipadas.

Diferentemente, o vínculo possui uma estrutura mais complexa, pressupõe partes em interação interferindo continuamente uma com a outra ao longo de um determinado período de tempo. Graças à sua estabilidade prevê, para além do conhecimento entre as partes, a mediação das vivências emocionais de seus membros. O investimento na formação de vínculos demanda clareza em relação ao que se pretende com a participação da família na escola. Lembremos que, literalmente, participar quer dizer tomar parte de

algo que nos é exterior por meio de integração, tendo em vista compartilhamento e coresponsabilidade.

Portanto, para a construção do vínculo escola-família é necessário o reconhecimento mútuo das práticas sociais que regem tais instituições, marcando o desempenho de funções distintas, mas tangenciais. Se a instituição familiar pode caracterizar-se pela cotidianidade pragmática, pelo espontaneísmo, pela intercomplementariedade afetiva, por conhecimentos educacionais de senso comum, à escola compete caracterizar-se como *locus* do trabalho intencionalmente planejado sob orientação dos conhecimentos científicos historicamente sistematizados. (MARTINS, 2009, p.36).

O estabelecimento de vínculo família-escola pode gerar uma participação real da família, para além do cumprimento das normas escolares e contribuições com as associações de pais e servidores/professores. Na *participação real*, construída no grupo e com o grupo, a família participa efetivamente nos processos decisórios, inserindo-se em ações educativas que promovem a ampliação das consciências e o enriquecimento da coletividade escolar (MARTINS, 2009).

Produzindo vínculo entre família e escola

A produção de um vínculo efetivo, duradouro e de qualidade entre família e escola não é tarefa fácil e traz uma série de desafios a serem enfrentados. Meira (2016), em um texto muito interessante que compõe a Proposta Pedagógica da Educação Infantil do município de Bauru-SP², apresenta alguns desses desafios:

1) **Conflitos entre escola e famílias.** Todas as relações humanas são permeadas pela existência de conflitos advindos de diferenças de pontos de vistas; formas divergentes de lidar com a mesma situação; posicionamentos políticos ou éticos antagônicos frente ao mesmo contexto etc. Eliminar a existência de conflitos é impossível, o que não significa que seja impossível estabelecer relações respeitadas e de diálogo entre os diferentes, que seja impossível minimizar os confrontos. No caso da relação família-escola, “a escola

² A Proposta Pedagógica para a Educação Infantil do município de Bauru pode ser baixada em http://www.bauru.sp.gov.br/arquivos2/arquivos_site/sec_educacao/proposta_pedagogica_educacao_infantil.pdf.

precisa compreender que a tarefa de educação dos filhos, qualquer que seja a classe social, não é fácil nem tranquila. (...) De outro lado, as famílias devem compreender que ensinar adequadamente os alunos é também tarefa complexa, que requer uma série de condições que nem sempre estão asseguradas” (MEIRA, 2016, p. 695).

2) **Falar para e falar com: estabelecendo canais de comunicação.** Por vezes a forma mais comum de comunicação da escola com a família é o monólogo, na forma de uma fala de mão única sobre o que se espera das famílias, por meio de bilhetes, recomendações e até por meio de broncas e cobranças. Será que falamos com as famílias, estabelecendo uma comunicação dialógica, em que todos são sujeitos do diálogo? Ou será que falamos para a família, mas sem escutá-las ou sem permitir que também falem e expressem suas ideias sobre educação?

3) **Nós valorizamos vocês, vocês nos valorizam: um caminho de mão dupla.** Não se pode esperar que alguém valorize aquilo que não conhece. “Assim, o primeiro passo é o desenvolvimento de ações concretas que garantam que as famílias tenham o maior número possível de informações sobre o trabalho das escolas e que essas conheçam de fato as famílias de seus alunos” (MEIRA, 2016, p.696).

Aprofundando vínculos entre família e escola: indicações práticas

Como sabemos, não existem receitas prontas quando o assunto é educação escolar. Cabe a cada escola construir suas práticas pedagógicas e suas soluções para os problemas cotidianos e isto também vale quando o assunto é melhorar o vínculo entre família e a escola. No entanto, há alguns indicativos que podem nos ajudar a pensar em nossas próprias propostas.

A primeira estratégia é oportunizar diferentes formas de participação da família na vida da escola. Há diversos jeitos de participar: nas reuniões; em projetos específicos em que o conhecimento das mães e pais podem ser aproveitados para enriquecer o cotidiano escolar; na organização de eventos; por meio da participação na associação de pais e servidores; entre outros.

Uma das formas de participação que tem sido mais comum é a realização de “reuniões de pais”. Esse tipo de atividade é importante para que o cotidiano escolar do filho possa ser explicado, bem como possam ser elucidados os objetivos pedagógicos de cada momento escolar. Mas também é nessas reuniões que podemos conhecer o que pensam as famílias sobre diferentes temas educacionais, criando-se espaços de compartilhamento e trocas, em que as famílias também possam se conhecer e debater

temas que são comuns a todos. Por isso, essas reuniões devem ser, além de informativas, educativas. E isto requer planejamento, delimitação clara de objetivos, um fio condutor

As **reuniões** devem ser organizadas de tal modo que todos possam falar e serem ouvidos. Para tanto, devem ser cuidadosamente preparadas pelos professores e gestores. Tendo claros os objetivos e o tempo disponível para a realização do encontro, é possível delimitar as atividades adequadamente. (MEIRA, 2016, p.699)

Há um livro muito interessante, que pode instrumentalizar o planejamento das reuniões, cujo título é “Reuniões de pais: sofrimento ou prazer?” (ALTHUON; ESSLE; STOEBER, 1996). Nesta obra as autoras apresentam ideias bem viáveis para a organização das reuniões, do bilhete de convocação ao planejamento.

Além das reuniões, é importante potencializar e intensificar o interesse dos familiares pela vida escolar das crianças (MEIRA, 2016). Uma parte considerável das famílias cumpre adequadamente sua função educativa no familiar, mas não compreende sua importância para uma escolarização adequada dos filhos, ou melhor, o que deve e pode fazer para ajudar na educação escolar.

Neste sentido, é importante a escola orientar a família quanto às possíveis formas de participação: ler histórias, estar atento aos conteúdos e atividades que são realizadas na escola, incentivar a autonomia em atividades do cotidiano, não realizar as atividades pela criança e sim junto com a criança. Quando a família sabe o que está sendo trabalhado na escola, há maiores chances de fortalecer o processo de aprendizagem em casa. Por exemplo, em um dos CCIs, uma das turmas, com crianças na faixa de dois anos, estava com bastante problemas em relação às mordidas entre as crianças, típicas da idade. O tema foi trabalhado na reunião de pais e as famílias foram orientadas sobre como proceder, por exemplo, não mordendo seus filhos como manifestação de afeto, ensinando às crianças outras formas de manifestação etc. Afinal, mães e pais não nasceram com essas atribuições e nem sempre tem clareza sobre o que devem fazer nos diversos desafios encontrados cotidianamente na educação de seus filhos.

Outra prática muito interessante é a de enviar bilhetes comunicando progressos (por menores que sejam algumas vezes!) e parabenizando alunos e famílias pelos resultados obtidos. Enviar

e receber um bilhete com esse teor contribui para o fortalecimento da confiança da capacidade de aprendizagem dos alunos. (MEIRA, 2016, p.701)³.

Ao apresentar estas singelas estratégias não estamos dizendo que as relações entre família e escola sejam simples, ao contrário, são muito complexas e as vezes de difícil manejo. Também não pretendemos esgotar todas as possibilidades de discussão que o tema gera, mas apenas apresentar algumas possibilidades e ideias. Nossas únicas certezas são que a parceria entre família e escola é elemento central à qualidade educacional e que o vínculo entre elas precisa ser construído de forma intencional e cuidadosa.

Referências bibliográficas

ALTHUON, B.G.; ESSLE, C.H.; STOEBER, I.S. *Reunião de pais: sofrimento ou prazer?* São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

MARTINS, L. M. Relação Escola-Família: reflexões no âmbito da Educação Infantil. *Amazônida*, ano 13, n.1, 2009.

MEIRA, M.E.M. Relações entre escola e família: reflexões e indicativos para a ação de docentes e gestores educacionais. In: Juliana Campregher Pasqualini; Yaeko Nakadakari Tshako. (Org.). *Proposta Pedagógica para a Educação Infantil*. Bauru: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BAURU, 2016, p. 691-704. Disponível em: http://www.bauru.sp.gov.br/arquivos2/arquivos_site/sec_educacao/proposta_pedagogica_a_educacao_infantil.pdf.

SZYMANSKI, H. Práticas educativas familiares: a família como foco de atenção psicoeducacional. *Estud. psicol. (Campinas)*, ago. 2004, vol.21, no.2, p.5-16. Disponível em <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php>

³ Outras estratégias também podem ser vistas no texto de Meira (2016), disponível em: http://www.bauru.sp.gov.br/arquivos2/arquivos_site/sec_educacao/proposta_pedagogica_educacao_infantil.pdf